ESCORÇO HISTÓRICO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ASPECTOS MARCANTES DA SUA TRAJETÓRIA

O Espiritismo, o Consolador, em pleno segundo século de sua marcha de afirmação no mundo, ainda não encontrou seu historiador. O vasto material que se vai acumulando por toda parte, abrangendo fatos e realizações, pessoas e instituições, conquistas e vicissitudes, será um dia catalogado e estudado por alguém especialmente dotado de paciência, sensibilidade e vasto conhecimento, capaz de concretizar a obra ciclópica.

Nos capítulos da história do Espiritismo no Brasil, uma instituição centenária ocupará lugar de inegável relevo. Sua origem, suas lutas e realizações vinculam-se de tal sorte ao Movimento Espírita brasileiro, que em muitos lances com ele se confunde.

Na realidade, toda a trajetória da Federação Espírita Brasileira tem sido dedicada a servir e a difundir a Doutrina codificada por Allan Kardec. Jamais descurou do seu estudo e prática, em seu trino e abrangente aspecto científico, filosófico e religioso, empenhando-se, desde a primeira hora, na unificação do movimento nascente.

Embora nem sempre compreendida em seus propósitos de unir e unificar, sem uniformizar, de esclarecer sem impor, de compreender sem transigir, a tradicional Casa de Ismael granjeou, através do tempo, o respeito de espíritas e não espíritas, de simpatizantes e de adversários.

Desde cedo firmou-se a Instituição na segura orientação de tornar o Espiritismo estreitamente vinculado ao Evangelho, duas etapas da Revelação separadas no tempo mas convergentes e complementares, como sobressai claramente do contexto da Codificação.

Dessa orientação invariável resultou a ênfase ao aspecto religioso-moral imprimida ao Movimento Espiritista brasileiro, sem nenhum prejuízo dos estudos filosóficos e científicos.

Estamos seguramente convencidos de que a larga aceitação, a benéfica influenciação sobre a sociedade brasileira e o inegável progresso alcançado pelo Espiritismo na Terra do Cruzeiro, ao contrário do que ocorreu em outras plagas, especialmente na Europa, foram conseqüências.lógicas do caráter ético-religioso firmemente abraçado e difundido pela FEB, tornando-o característico inconfundível do nosso Movimento.

O Espiritismo *é* um só, evidentemente. Seu carácter universal permite, entretanto, que seja apreendido e sentido, estudado e praticado de formas diferentes, em que os sentimentos e as tendências dos povos determinam as inclinações para as diversas faces tia Doutrina.

Não é por outro motivo que nos países da Europa, palco de lutas seculares entre as religiões tradicionais, onde as ciências são cultivadas com especial interesse e o materialismo fincou fundas raízes, o Espiritismo viria a ser aceito e difundido através da fenomenologia, dos efeitos físicos, das materializações, da levitação e dos transportes, fenômenos que induzem à pesquisa científica e às indagações filosóficas delas decorrentes. O lado religioso ficaria naturalmente relegado a segundo plano, pela própria índole dos povos. O mesmo ocorreu, com ligeiras variações, na grande nação norte-americana, cujos traços culturais mais fortes se vinculam à influência européia.

Já na América Latina, especialmente no Brasil, com tendências religiosas e tradições isentas dos prejuízos das lutas sanguinolentas, das perseguições, da Inquisição e da intolerância romana e reformista, o aspecto ético-religioso-moral da Doutrina encontraria terreno fértil para seu desenvolvimento.

Daí afirmar Humberto de Campos (Espírito), na introdução de seu livro-programa "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho":

> "Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda. O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena e sim do plano invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho".

PRIMÓRDIOS

Hoje, na perspectiva de um século, podemos identificar alguns fatos insólitos ligados à Federação Espírita Brasileira nos primórdios do Movimento, antes e depois de sua fundação, os quais só encontram explicação plausível como manifestações do *plano invisível e* não das *fontes de produção originariamente terrena.*

O primeiro desses fatos prende-se à própria denominação da Instituição. Quando foi fundada, em 2 de janeiro de 1884, nada havia propriamente a *federar.* Torna-se, pois, evidente, que seus objetivos no campo federativo projetavam-se no futuro e talvez nem fossem percebidos pelos fundadores, instrumentos terrenos a serviço de uma planificação maior.

Outra circunstancia curiosa é a de que seu órgão de comunicação e de divulgação da Doutrina — "Reformador" — já existia há um ano, lançado em janeiro de 1883 por Augusto Elias da Silva, o mesmo que aglutinaria os elementos para a idealização e concretização da Casa de Ismael. Não deixa de ser pelo menos inabitual preceder o acessório ao principal, explicável, entretanto, por um desígnio superior, acima e além do plano físico.

Ao que parece, seu nome e seu órgão obedeciam à inspiração de Cima, como componentes de um conjunto maior a ser concretizado posteriormente, com o concurso de todos os que quisessem congregar-se em torno do ideal da radiosa luz emanada da Doutrina do Cristo, revivida nos ensinos espíritas do Consolador.

A terceira particularidade, igualmente incomum, refere-se às enormes vicissitudes suportadas pela Instituição especialmente na primeira década de sua existência, compreendendo dissensões, penúria econômica, deserções e dificuldades decorrentes de questões sociais e políticas impostas pela abolição da escravatura, seguida da queda do Império, da proclamação da República, da revolta da Armada, sem que o ideal perecesse no tumulto dos acontecimentos, sustentado por uns poucos, até que surgisse a oportunidade da retomada plena do trabalho realizador e perseverante.

De fato, rezam os apontamentos históricos da Casa que esta, após sua fundação, passou a funcionar na residência de seu fundador, Augusto Elias da Silva, na Rua da Carioca nº 120 (então Rua de São Francisco de Assis), 2º. andar, para em seguida começar uma penosa peregrinação por diversos prédios alugados, dos quais sempre se via forçada a transferir-se, ora por falta de recursos financeiros, ora a pedido dos proprietários.

Sucessivamente, instalou-se na Rua da Alfândega, 153, em 1884; na Rua do Hospício ns. 147 e 102, nos anos de 1886 e 1887; na Rua do Clube Ginástico nº: 17, atualmente Rua Silva Jardim, em 1888. Ainda em 1888 mudou-se para a Rua do Regente, 19, hoje Rua Gonçalves Ledo, mediante módico aluguel; em 1890 passou a ocupar o 2º. andar do prédio nº

83 da Rua Camerino, então Rua da Imperatriz; com o aviso do senhorio, exigindo a desocupação do prédio, transferiu-se, em 1891, para um pequeno sobrado no Largo do Depósito nº. 56, hoje Praça dos Estivadores, local que não comportava os móveis e a biblioteca, sendo encaixotados todo o arquivo e material tipográfico do "Reformador". Começa então uma fase angustiosa, sob a Presidência do Dr. Dias da Cruz. Muda-se para o *2°.* andar da Rua da Alfândega nº. 342, depois 330, em 1891. Com a Revolta da Armada, de setembro de 1893 a março de 1894, intensificou-se a deserção e praticamente ficaram suspensas as atividades. Em 1895 a crise chegou ao auge, com a completa ruína das finanças da Sociedade, quando os poucos remanescentes recorreram a Bezerra de Menezes, como último recurso para evitar a dissolução completa.

Bezerra assume a Presidência, eleito em 3 de agosto de 1895, com poderes absolutos, dadas as circunstâncias, e começa o trabalho de reconstrução, imprimindo à Instituição a orientação doutrinário-evangélica na qual ela se manteve firmemente até nossos dias. Equilibrou a situação financeira, para atender aos encargos e serviços e reorganizou todos os trabalhos da Casa.

Da Rua da Alfândega, transferiu-se para a Rua do Rosário nº. 141, em 1899, e depois para o nº 133, antigo 97 da mesma rua, em 1903, de onde só sairia para sua sede própria, construída na Avenida Passos ns. 28 e 30.

Pelo que podemos perceber da série enorme de dificuldades de toda ordem com que lutou a Instituição, nas primeiras fases de sua existência, seus obreiros eram experimentados, testados em sua firmeza e dedicação, quer diante da instabilidade do meio social e político, em fase de grandes transições, quer diante das dissensões internas, e das extremas dificuldades materiais, capazes de desanimar os tímidos.

Nessas adversidades constantes haveria de forjar-se uma mentalidade imbatível diante das piores circunstâncias, alicerçada no ideal espírita sustentado na viga mestra do Evangelho do Cristo.

A Federação só triunfou das vicissitudes iniciais em virtude do rumo certo escolhido por seus obreiros da primeira hora. O exemplo permanece indelével.

Nesse roteiro, a centenária Instituição arrastou consigo todo o Movimento Espiritista brasileiro, imprimindo-lhe o característico religioso-cristão que o torna inconfundível e fiel à Codificação e ao Evangelho. Não estamos diante de uma afirmativa vã. Basta atentar no que ocorreu nos movimentos espiritistas dos diversos povos para identificar de onde nasce a força e a pujança do Espiritismo no Brasil.

Na França, a pátria do Codificador e de seus mais eminentes cooperadores, o grande Movimento, inspirador e orientador dos demais, depois dos importantes trabalhos de algumas décadas, entrou em fase de desvio e decadência, abjurando o próprio termo *espírita* criado por Allan Kardec.

Na Espanha, na Itália e em Portugal, salvo poucas exceções, após promissor período de difusão, as condições políticas abafaram a generosa Doutrina, cujos cultores, em pequeno número, refugiaram-se em núcleos familiares.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, com uma contribuição valiosa no campo fenomênico e científico, o Neo-espiritualismo não tem a autenticidade do Espiritismo codificado.

Nos outros países da América Latina uma série de circunstâncias tem atrasado o avanço do Movimento em seus territórios.

Sem induzir à desesperança no ressurgimento da Doutrina Espírita em toda parte, por ser ela a nova luz capaz de iluminar os caminhos da Humanidade, na sua busca constante de conhecimento e de aperfeiçoamento, a evidência mostra que se dissociar o Espiritismo do Evangelho diminui-lhe a grandeza e a fortaleza, tornando-o ou um simples ramo da pesquisa científica, ou mais uma corrente filosófica, concorrente com as demais.

A força da Doutrina está na sua abrangência, na qual ressalta a parte moral e religiosa, justamente a incumbida de reeducar o homem e modificar-lhe a mentalidade egoística e orgulhosa.

O destaque do Brasil espírita se deve a essa compreensão e à orientação inspirada pelo Alto, nascida nos primórdios de seu Movimento e conservada até agora.

"Coração do Mundo" e "Pátria do Evangelho" não são expressões vazias de significação, ou eufemismos destinados a satisfazer nosso ufanismo. Encerram, antes, a destinação de um povo que recebe com alegria a excelente missão de evangelizar o homem, reservada ao Brasil, após sucessivas tentativas com outros povos. A questão é saber se a missão será devidamente cumprida.

A nós brasileiros, da atual e das futuras gerações, muito especialmente a nós brasileiros espiritistas, almas provindas dos mais diferentes recantos deste Planeta, cada qual com múltiplas experiências do passado, caberá a resposta. O futuro o dirá.

AS ORIGENS DA FEDERAÇÃO

Enganam-se os que julgam ter surgido a Federação de um ato de vontade, puro e simples, de seu fundador, coadjuvado por alguns companheiros das lides espiritistas. A Instituição, formalizada a 2 de janeiro de 1884, resultou de antecedentes que convergiram para um vértice comum.

A obra de Ismael não está adstrita apenas à segunda metade do século passado, nem aos dias atuais, mas acompanha o Brasil desde a descoberta da Terra de Vera Cruz.

A narrativa de Humberto de Campos (Espírito) permite apreciar os ascendentes espirituais conjugados aos fatos históricos brasileiros, ao longo de mais de quatro séculos.

Nosso objetivo, entretanto, restringe-se a focalizar tão-somente alguns clichês estreitamente relacionados com o Movimento Espírita e com a Federação Espírita Brasileira.

Desde o "Grupo Confúcio", fundado em 1873, com duração aproximada de seis anos, delineava-se a futura Casa de Ismael.

A esse Grupo pertenceram, entre outros, o Dr. Siqueira Dias, Dr. Bittencourt Sampaio, Dr. Antonio da Silva Neto, Dr. Joaquim Carlos Travassos, Prof. Casimir Lieutaud, e a ele se deve a primeira revelação de ser o Anjo Ismael o Guia do Brasil.

Vale a pena rememorar aqui, para edificação das novas gerações de espíritas, as previsões de Ismael em rara e eloqüente mensagem de transcendente significação, eis que ela resume a orientação espiritual que a Federação abraçou e sempre procurou imprimir à sua obra:

> "O Brasil tem a missão de cristianizar. É a Terra da Promissão. A Terra de todos. A Terra da fraternidade. A Terra de Jesus. A Terra do Evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, de Santa Cruz. Não foi por casualidade que recebeu desde o berço o leite da religião cristã. Não foi sem significação que a viram o primeiro navegador debaixo do Cruzeiro do Sul. Na Era Nova e próxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre ao que ouve os arautos do Espaço, que convocam os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecer em Jesus o chefe espiritual. Com o Evangelho explicado à luz do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá a sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou para aqui virão de todos os pontos do Globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade. A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever,

a que se obrigaram antes de nascer, deverão, pois, reunir-se debaixo deste pálio trinitário: Deus, Cristo e Caridade. Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael."

Ao "Grupo Confúcio" seguiu-se a Sociedade de Estudos Espíritas "Deus, Cristo e Caridade", fundada em março de 1876, com programação francamente evangélica estampada em seu próprio nome e cumprida até 1879.

Cindida a Sociedade, passando a denominar-se Sociedade Acadêmica, num processo de seleção natural segundo as inclinações dos elementos humanos e dentro da liberdade individual sempre presente, uma ala, tendo à frente Bittencourt Sampaio, Sayão e Frederico Júnior, destacou-se para fundar o "Grupo Espírita Fraternidade", em 1880.

O "Fraternidade" prosseguiu com a orientação evangélica até transformar-se em Sociedade Psicológica, desaparecendo em 1893.

Observe-se a definição de rumos com a preocupação de alguns adeptos desavisados, suprimindo o qualificativo "Espírita" e substituindo-o por "Acadêmica" e "Psicológica" nas duas sociedades. O mesmo ocorreria muito tempo depois, na França de nossos dias, com a transformação da memorável "Revue Spirite", criação do Codificador, não só em seu nome respeitável mas também em sua orientação.

Paulatinamente, todos os grupos afinados com a filiação ideológica Espiritismo-Evangelho foram-se reunindo em torno da Federação Espírita Brasileira, consolidando-se com Bezerra de Menezes, de 1895 em diante, toda a diretriz sintetizada do dístico "Deus, Cristo e Caridade".

O "Grupo Ismael" (Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael), célula de ligação entre os trabalhadores dos dois planos da vida, funciona desde 15 de julho de 1880, fundado por Antonio Luís Sayão e Bittencourt Sampaio. Posteriormente vieram Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard, Albano do Couto e outros companheiros provindos de diversos núcleos. Acedendo Bezerra de Menezes em aceitar a Presidência da Federação, em 1895, o "Grupo Ismael" acompanhou o apóstolo, apoiou-o na direção da Casa e integrou-se nela.

É de justiça relembrar neste escorço alguns nomes que se tornaram inesquecíveis por sua dedicação, fidelidade e esforço, no desbravamento inicial.

Augusto Elias da Silva, o fundador de "Reformador" e da Federação, é o missionário que se desincumbiu nobremente de sua específica missão.

A primeira Diretoria da Casa, eleita em 2 de janeiro de 1884, após reunião preparatória no dia 27 de dezembro de 1883, ficou assim constituída: Presidente, Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros; Vice-Presidente, Manoel Fernandes Figueira, Secretário, João Francisco da Silveira Pinto; Tesoureiro, Augusto Elias da Silva; e Arquivista, Francisco Antonio Xavier Pinheiro.

Ainda no século passado, são nomes indelevelmente ligados à Federação, seja como administradores ou como obreiros nas múltiplas tarefas em que se desdobra o trabalho da seara: Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Adolfo Bezerra de Menezes e Antônio Luís Sayão; Frederico Pereira da Silva Júnior e João Gonçalves do Nascimento; Francisco de Menezes Dias da Cruz, Júlio César Leal e João Batista Maia de Lacerda; Geminiano Brazil de Oliveira Góis, Antônio Pinheiro Guedes, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Pedro Richard e muitos outros cujos nomes não são declinados mas que fizeram jus ao salário de fiéis servidores.

O ÓRGÃO “REFORMADOR”

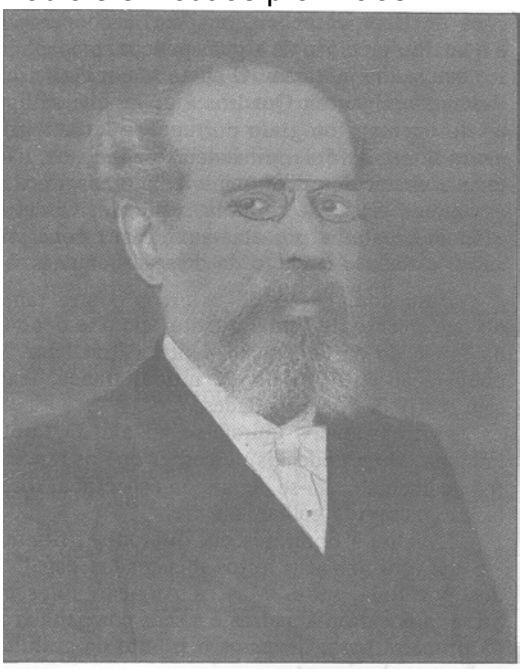
Soube Augusto Elias da Silva, homem simples e prático, concretizar uma aspiração não somente sua, mas de muitos espíritas de sua época.

Desde 1865 os espiritistas brasileiros sentiam a necessidade de propagar a novel Doutrina dos Espíritos através da imprensa, essa poderosa força que há séculos vem construindo ideais e demolindo impérios. Torna-se interessante assinalar a estreita ligação entre o Espiritismo e seu movimento, desde seu surgimento, e a imprensa, compreendendo também o livro. Allan Kardec utilizou-os desde o início dos trabalhos da Codificação, com real proveito na divulgação dos novos conhecimentos.

O Brasil dos fins do século XIX era um fervilhar de idéias, conservadoras umas, revolucionárias outras. Os ideais republicanos e abolicionistas chocavam-se com a realidade, buscavam inspiração na experiência de outros povos e tornavam-se cada vez mais influentes, especialmente após a Guerra do Paraguai, com a fundação do Clube Republicano, em 1870. O conservadorismo dos partidos políticos tradicionais do Império ia sendo solapado gradativamente. Culminariam os acontecimentos com a abolição da escravatura em 1888, seguindo-se-lhe a queda do Império e a proclamação da República, em 1889.

Transplantara-se para cá a filosofia positivista de Augusto Comte, logo acolhida por alguns intelectuais influentes.

O Espiritismo contava já com muitos adeptos, no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Paulo e em outras províncias.



Augusto Elias da Silva

Algumas sociedades e grupos espíritas surgiram do esforço criativo e pioneiro daqueles que iam buscar nas fontes inspiradoras da Europa, especialmente na França, a orientação inicial para a implantação dos primeiros núcleos. Mas a barreira da língua limitava a uns poucos eruditos o acesso às obras originais francesas. Em 1869 surgira na Bahia o primeiro órgão da imprensa espírita brasileira, infelizmente de pequena duração — pouco mais de um ano —, "O Écho d'Além-Túmulo", fundado e dirigido por Luís Olímpio Teles de Menezes. A partir de 1875 aparecem as primeiras traduções das obras básicas da Codificação, graças aos esforços do médico Joaquim Carlos Travassos, sob o pseudônimo de "Fortúnio". A antiga Editora Garnier incumbiu-se das edições em língua portuguesa de "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns" e "O Céu e o Inferno", todos em 1875; em 1876 era editado "O Evangelho segundo o Espiritismo".

Os núcleos de estudo e prática do Espiritismo começam, então, a delinear seus rumos, com todos os percalços e dificuldades dos movimentos novos. Diferentes tendências, incompreensões, personalismos não deixaram de influir também no nascente movimento espiritista brasileiro. Muitos trabalhadores, deslumbrados diante da beleza, da vastidão e da abrangência da Doutrina, no seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, deixaram-se, contudo, envolver pelas dissensões, por inexperiência.

Louváveis tentativas haviam sido feitas, no Rio de Janeiro, com o objetivo de propagar a Doutrina através da imprensa. Prova disso foi a "Revista Espírita", fundada e

dirigida pelo Dr. Antônio da Silva Neto, Vice-Presidente do "Grupo Confúcio", a qual teve vida efêmera, aparecendo em 1º; de janeiro de 1875 e desaparecendo ao fim de seis meses. Outro tentame foi a "Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade", que subsistiu de janeiro de 1881 a julho de 1882.

É nesse meio tumultuado que o abnegado e tenaz seareiro português, fotógrafo de profissão, Augusto Elias da Silva, idealiza, funda e faz circular o "Reformador" — *"Orgam Evolucionista",* a serviço da Grande Causa.

> "Abre caminho, saudando os homens do presente que também o foram do passado e ainda, hão de ser os do futuro, mais um batalhador da paz: o "Reformador".

Com essas palavras iniciais apresentava-se, em 21 de janeiro de 1883, o novo órgão da imprensa espírita, terminando por afirmar, peremptoriamente, em seu primeiro editorial:

> "Pelas considerações que acabamos de fazer e que constituem a nossa profissão de fé, os nossos leitores, coevos e vindouros, ficam cientes de que, alumiados pela luz da Doutrina Espírita, somos evolucionistas essencialmente progressistas."

Batalhador da paz, à luz do Espiritismo, com vocação essencialmente progressista, eis uma legenda feliz para uma obra ciclópica, com um marco inicial visível, mas sem limitação no tempo.

A diretriz inspirada ao fundador intimorato subsiste nos desdobramentos dos programas em que se empenharam todos os contínuadores da obra, porque os compromissos assumidos são com a paz, em ação permanente, com a luz, que vem de Mais Alto e com a Doutrina que representa no mundo a revivescência da Mensagem Cristã.

Não importam, assim, as mil vicissitudes interpostas à jornada do lutador da paz e da luz. Importa, sim, a superação dos obstáculos, um a um, nessa sucessão dos anos, que já perfazem mais de um século.

Empenhados nessa luta permanente estão os obreiros dos dois planos da Vida. A inspiração de Cima precisa dos executores dedicados, sejam eles talentos cultivados ou simples trabalhadores de boa vontade, mesmo portadores de imperfeições humanas.

A trajetória secular do "Reformador" virtualmente se confunde com a própria história da Casa de Ismael (*), da qual é o porta-voz e a representação do seu pensamento.

Suas milhares de páginas refletem o tríplice aspecto da Doutrina dos Espíritos. Sem descurar da vasta fenomenologia espírita e dos estudos científicos e filosóficos, sua inclinação natural é dar ênfase ao Espiritismo religioso, com seus aspectos morais profundamente vinculados ao Cristianismo revivido no Consolador.

Essa face, sempre presente no "Reformador", hoje está patenteada em seu frontispício.

— "Revista de Espiritismo Cristão" — como a lembrar, permanentemente, que seu objetivo primeiro é o de contribuir para a reforma moral do homem, segundo o Código deixado à Humanidade pelo Cristo de Deus.

Essa tarefa jamais foi fácil. Ao Mestre Divino tem custado sacrifícios e renúncias que estamos longe de compreender. A todos os seus emissários, em todas as latitudes e épocas, não têm faltado esforços e sofrimentos.

Não seria diferente a missão do Espiritismo, o Consolador prometido, aqui ou alhures.

No Brasil de hoje todos os espiritistas conhecem as dificuldades extremas para se alcançar algum progresso na porfia contra nossas imperfeições, contra o materialismo avassalador, contra o obscurantismo dogmático ou contra o preconceito cientifico, religioso e social. Imaginemos, então, o que teria sido esse quadro de óbices em uma época hostil, em que o ridículo era arma usual contra os espíritas, as perseguições eram aceitas com toda naturalidade e o poder político estava intimamente ligado à Igreja Romana, garantindo-lhe prerrogativas e privilégios de religião do Estado.

Enfrentar tais dificuldades desencorajaria qualquer ânimo que não se apoiasse em temperaria e fé verdadeira. Augusto Elias da Silva as possuía. Por isso, concretizou seu sonho, apesar do pessimismo de muitos, impressionados com as pedras do caminho. O prognóstico para o empreendimento era o de uma vida breve e pálida, sem brilho e sem grandeza, como já ocorrera com tantos outros periódicos.

> "Não foi Elias, como alguns confrades supõem hoje, um homem inculto e incapaz de produções admiráveis, escritas ou faladas. Ao contrário, à fluência e correção da linguagem se casava um estilo pleno de beleza e vigor literários e profundos conhecimento da Doutrina dos Espíritos e de diferentes ramos do saber humano. Quem quiser dar-se ao trabalho (que traz satisfação) de averiguar o que afirmamos, basta folhear as coleções antigas do "Reformador", onde encontrará alguns dos belos e instrutivos discursos por ele pronunciados.
>
> Por ser Elias humilde e modesto ao extremo, por isso mesmo se retraía a ponto de não deixar se lhe conhecessem devidamente as qualidades, entre as quais a de excelente orador." ("Grandes Espíritas do Brasil", Zeus Wantuil, 2ª. ed. FEB, pág. 182.)

Afora suas qualidades pessoais, entrevistas no breve trecho de seu biógrafo, o desbravador contou, sem dúvida, com a inspiração da Espiritualidade Superior, sempre presente nas realizações do Bem. Recebeu, também, a cooperação e o auxílio precioso de alguns poucos companheiros que se lhe juntaram. O então Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros é nome que se liga ao do operoso fotógrafo português, desde a primeira hora. Os dois, dinâmicos e corajosos, não temem obstáculos. Um tem a idéia, a inspiração, a vontade firme de torná-la realidade. O outro a acolhe, batalha por ela auxilia sua concretização e toma o encargo da direção conjunta.

Essa conjugação de esforços ocorre tanto no lançamento do jornal quanto, um ano depois, na fundação da Federação Espírita Brasileira. A cooperação entre os dois é nítida, franca, leal, sem restrições nem vaidades.

Outros poucos se uniram ao afã da tarefa iniciada. Hoje podemos perceber que os tarefeiros desincumbiram-se de missão específica, recebida e cumprida galhardamente.

Depois, a obra cresceu, dilatou-se, firmou-se e aí está com seus frutos abençoados, espalhados por toda parte. Mas, a Augusto Elias da Silva, a Ewerton Quadros e a seus companheiros da primeira hora, devemos o tributo da gratidão e do reconhecimento.

Cronologicamente, afirma Zeus Wantuil, "Reformador" foi a décima folha espírita surgida no Brasil, em que pese à afirmativa de Clóvis Ramos de ter sido a oitava. ("A Imprensa Espírita no Brasil" — 1ª; ed., pág. 5.)

Há muito se tornou o mais antigo periódico da imprensa espírita brasileira. Em todo o mundo, ocupa o quinto lugar em antiguidade.

Registram os "Anais da Biblioteca Nacional" (Vol, 85) ser o "Reformador" um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1889, que sobreviveram até os dias de hoje. São eles, pela ordem: "Jornal do Commercio" (1827); "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (1839); "Diário Oficial" (1862); "Reformador" (1883). À exceção do "Diário Oficial", "Reformador" é o único que jamais teve interrompido sua publicação.

Surgido aos 21 de janeiro de 1883, depois de preparativos afanoso, com recursos de seu fundador, as oficinas e a redação do pequeno jornal foram instaladas na residência de Elias da Silva, ao lado do atelier fotográfico, à Rua da Carioca nº, 120, 2º andar (antiga Rua São Francisco de Assis), ali permanecendo até janeiro de 1888. Contara Elias com o incentivo e a cooperação de sua mulher e de sua sogra, ambas espíritas.

O jornal tinha, então, quatro páginas de textos, com o formato de 44x36cm, saindo quinzenalmente. A tiragem era pequena, cerca de 300 a 400 exemplares. As assinaturas, não excedentes de duzentas, não cobriam as despesas de confecção. Boa parte das edições era distribuída graciosamente. Logo alcançou o exterior, com remessas principalmente para Portugal.

Unidos Elias da Silva e Ewerton Quadros imprimiram ao jornal orientação segura, fraterna e tolerante.

Em janeiro do ano seguinte, antes de completar o primeiro aniversário, por proposta de seu fundador, "Reformador" era cedido à Federação Espírita Brasileira, sociedade fundada também por Augusto Elias da Silva. Não houve solução de continuidade na orientação do jornal, de vez que Ewerton Quadros foi eleito primeiro Presidente da nova Instituição. Em 2 de janeiro de 1884 formalizava-se a constituição da Federação, elegia-se sua primeira Diretoria e incorporava-se o jornal de Elias à FEB. Estava cumprida a parte essencial da missão de Elias da Silva e de seus coadjuvantes. Depois, viria o desdobramento da obra. Trabalho e dedicações, permanentes dificuldades e lutas constantes, alegrias e pesares.

Como porta-voz da Federação Espírita Brasileira, "Reformador" reflete o que é a Casa de Ismael, seu programa, suas finalidades e o pensamento dos que a dirigem daqui e do Alto.

Guillon Ribeiro, o fiel servidor e inesquecível Presidente, sintetizou bem o relevante papel desse órgão da Casa dos Espíritas, em Relatório publicado em setembro de 1940, assinalando:

> "Subordinado sempre, com absoluta fidelidade, à orientação doutrinária da Instituição cujo pensamento lhe cabe exprimir, continuou ele a esforçar-se por bem servir o melhor possível à causa espírita, sem jamais dissociar do Evangelho o Espiritismo, antes timbrando invariavelmente em propagar a Terceira Revelação Cristã, sem esquecer, todavia, de dispensar a atenção devida à fenomenologia que serviu de base à estruturação da Doutrina dos Espíritos."

Alinhando-se corajosamente, desde seus primórdios, como batalhador da grande causa dos escravos negros do Brasil, a última bastilha da escravatura no mundo, bateu-se pela emancipação ampla e pacífica, arrostando com o denodo o reacionarismo escravocrata. Em 1888, quando pouco antes se instalara à Rua do Clube Ginástico nº. 17, hoje Rua Silva Jardim, juntamente com a Federação, via proclamada a abolição, em meio a festas memoráveis na Corte e a alegrias nos corações, coroando as justas aspirações de milhares de criaturas já cansadas de uma longa espera pela liberdade.

Triunfara o Bem. Terminava uma campanha. Começava uma nova etapa na luta incessante em prol de uma libertação ainda maior, a do Espírito.

Os anos de 1892 a 1895 foram particularmente difíceis para o Movimento Espírita brasileiro. Lavraram as divergências no seio da família espiritista. A Federação Espírita Brasileira e seu órgão atravessaram séria crise de ordem financeira, a par de dissensões e desentendimentos.

Desanimado diante das inúmeras dificuldades, o Presidente Júlio César Leal renunciou ao cargo, em meados de 1895.

> "Foi então que as vistas dos que amavam aquela Casa, e por ela haviam empenhado os maiores sacrifícios, se voltaram para uma individualidade que, reunindo as mais peregrinas virtudes e saber a um legítimo prestígio no seio dos espíritas, parecia — e com efeito foi — a única em condições de salvar a Federação." (V. "Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira", ed. de 1924.*)*.

Essa figura apostolar e enérgica — o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes —, que fora anteriormente Diretor da FEB e Presidente em 1889, com largos serviços prestados à Causa e ao próprio "Reformador", *é* convidado, diríamos melhor, instado, a tomar a direção suprema da Casa de Ismael, no plano físico. Augusto Elias da Silva, Manuel Fernandes Figueira, Alfredo Pereira, o então gerente do "Reformador", e o ex-Presidente Dr. Dias da Cruz são os emissários escolhidos para convencer Bezerra de Menezes a aceitar a Presidência. Os emissários impuseram a si mesmos, desde logo, a condição de não ocuparem qualquer cargo administrativo na nova gestão.

Bezerra atendeu à convocação, foi eleito com poderes excepcionais na assembléia extraordinária de 3 de agosto de 1895 e empossado no cargo por Augusto Elias da Silva. Mais uns relevantes serviços ao Movimento Espírita prestavam Elias e seus companheiros.

Bezerra de Menezes, com descortino e serena energia, imprimiu nova orientação aos trabalhos da Federação, com base nos estudos doutrinários e evangélicos, terminou com as tertúlias puramente literárias e com as discórdias e restabeleceu o equilíbrio financeiro necessário ao prosseguimento da obra admirável.

A atuação de Bezerra à frente dos destinos da Federação e de seu órgão de divulgação, durante o período de cinco anos, até à sua desencarnação, foi de importância ímpar para todo o Movimento Espírita no Brasil, que se firmou, desde então, dentro de uma diretriz que o futuro iria consagrar como a do verdadeiro papel do Espiritismo no mundo.

Após vinte anos de sua fundação, o jornal da Federação passou a ser impresso como revista bimensal, com 20 páginas, inicialmente, no formato de 27 x l8,5cm. Durante trinta e quatro anos, de 1903 a 1937, manteve esses característicos.

A administração e a redação do órgão febiano mudaram de endereço sucessivas vezes, acompanhando a sede da Federação, peregrinando por salas e porões alugados, até que, em 1911, se instalaram na sede nova construída na administração de Leopoldo Cirne, à Avenida Passos, 30, endereço que se tomou conhecido de todos os espíritas do Brasil e do exterior.

Em 1937, estando na Presidência Guïllon Ribeiro, tendo como gerente Antônio Wantuil de Freitas, a Revista torna-se publicação mensal, aumentando, gradativamente, até atingir o número atual de quarenta páginas.

Cresceu o número de assinantes, dentro e além-fronteiras. É grande a quantidade de leitores e Casas Espíritas que recebem gratuitamente a Revista. Não dispondo o leitor de recursos financeiros, não deixará de recebê-la, desde que manifeste sua vontade nesse sentido.

Durante muitos anos, manteve "Reformador" rede nacional de agentes encarregados da cobrança e agenciamento de assinaturas. A partir de 1981 a trabalhosa tarefa passou a ser executada diretamente pela gerência do órgão, valendo-se dos serviços da rede bancária, com auspiciosos resultados.

Como experiência que resultou positiva, seu Diretor Francisco Thiesen, na Presidência da FEB, em dezembro de 1975, resolveu imprimir suas capas em cores, A

Revista tomou novo aspecto gráfico, com boa recepção. Antes, em 1970, o logotipo e desenho da capa haviam sido substituídos. A modernização, em matéria gráfica, é uma imposição a que estão sujeitos os meios de comunicação impressos. Na FEB não poderia deixar de haver atualização, embora ela se processe sem as prejudiciais precipitações.

Desde 1891, sob a Presidência de Dias da Cruz e vice-presidência de Bezerra de Menezes, a FEB buscou levantar, junto aos espíritas, um empréstimo para compra de prédio próprio e montagem de uma oficina tipográfica destinada à impressão do "Reformador" e de obras de propaganda da Doutrina. A tentativa malogrou. Somente em 1939 o velho projeto se concretizava integralmente. Guillon Ribeiro, o incansável Presidente, adquiriu e instalou as máquinas impressoras próprias, nas dependências dos fundos do prédio da Avenida Passos, 30. Foi um decisivo passo à frente, um novo alento na trajetória do divulgador do Espiritismo. Graças a essa providência, as edições e reedições de livros espíritas começaram sua grande expansão.

Com a instalação do Departamento Editorial, em 1948, em amplo edifício especialmente construído em São Cristóvão, o saudoso Presidente Wantuil de Freitas deu sólida estrutura a todo o complexo editorial da FEB. Situado na Rua Figueira de Melo, 410, esquina da Rua Souza Valente, 17, esse prédio foi posteriormente ampliado, com dois novos pavimentos, inaugurados em 1961, sendo hoje a sede dos Departamentos Editorial e Gráfico.

Novo surto de progresso aconteceu na década de 70, quando, sob as Presidências de Armando de Oliveira Assis e Francisco Thiesen, todo parque gráfico foi renovado, com a adoção do sistema *offset* de impressão. Com a modernização beneficiaram-se o "Reformador" e seus milhares de leitores.

Todos os espiritistas conhecem sobejamente a orientação editorial do órgão febiano. Servindo de mensageiro da Federação Espírita Brasileira, expressa seu pensamento e suas diretrizes. Está permanentemente a serviço do Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita, e isto diz tudo.

Sempre esteve na estacada, em defesa do Movimento Espírita, das Instituições Espíritas, dos espíritas, contra os ataques, as perseguições e os preconceitos de qualquer ordem ou procedência. Nessa linha de coerência, tem expressado sempre a coragem serena dos que pugnam pela prevalência da verdade, da justiça e da fraternidade entre os homens.

Guilhotina Wohlenberg Programmatic eletrônica (alemã)

Contam-se às centenas seus colaboradores, acolhendo suas páginas os nomes mais ilustres do Espiritismo em todo o mundo e em todas as épocas, os médiuns mais dedicados, a serviço da Doutrina, os escritores, os poetas, os cronistas, os críticos e os artistas, todos os que se interessam por uma cultura sã das Letras, da Arte, da Ciência e da Filosofia — a serviço do Bem.

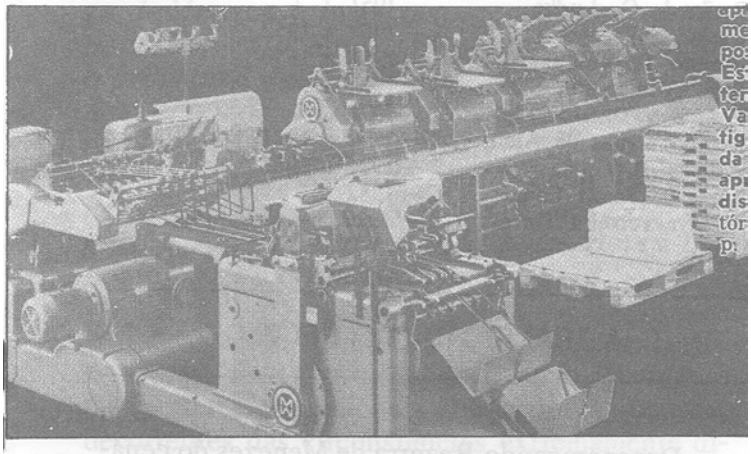
É evidente que, na sustentação de uma obra complexa e dinâmica, difícil, evolucionária, mas coerente, de alta significação espiritual, porém simples e sem atavios em sua apresentação material, teria o "Reformador" de assentar sua construção em "rocha firme". Do contrário não chegaria até nós, com mais de um século de serviços relevantes.

Guilhotina Wohlenberg Trilateral (alemã)

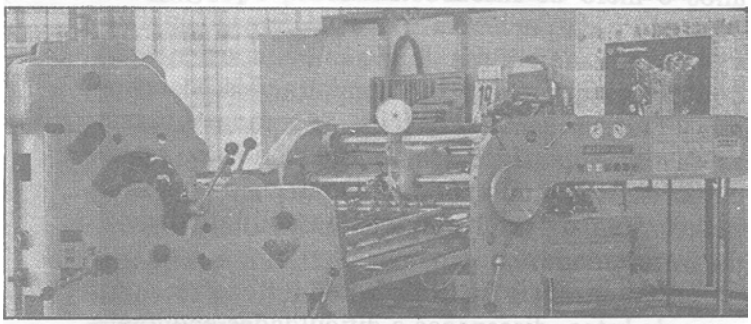
A que atribuir a segurança e firmeza dessa realização, quando outras, com tantas

possibilidades, naufragaram a meio da travessia?

A resposta não se torna difícil desde que atentemos em dois fatores sempre presentes na vida da Revista: em primeiro lugar, o objetivo visado e o caminho escolhido, em compromisso irrevogável com o Evangelho do Cristo, entendido em espírito, à luz do Consolador — esta é a pedra angular; em segundo, a dedicação admirável de seus servidores, dos dois planos, assim compreendidos não somente os Diretores, os sucessivos Presidentes que honraram seus compromissos, com o programa de Ismael, mas também os trabalhadores dos demais escalões, os redatores, os administradores, os secretários, os gerentes, os executores de tarefas aparentemente secundárias, sem as quais não se torna possível a manutenção de um periódico com a feição e os característicos iniludíveis da Revista da FEB, máxime por um lapso de tempo tão significativo.



Alceadora-grampeadora Mueller-Martini (suíça)



Offset *Roland-Parva (alemã)*

A presença do Alto, sob a forma de encorajamento e inspiração, deve-se à invariável diretriz traçada e executada, O segundo fator dependeria de servidores fiéis e dedicados.

Neste fim do Primeiro Século e limiar de uma nova idade de "Reformador", elevamos nosso pensamento, agradecido, ao Mestre Incomparável. Lembramos, com admiração, o vulto de seu fundador, missionário que se tornou grande na humildade e na coragem, cuja visão varou o tempo, projetando-se nas claridades do futuro. Recordamos igualmente, com emoção, todos os trabalhadores sinceros que tomaram a si o dever da sustentação e continuação da obra admirável de esclarecimento espiritual, como exemplos vivos de dedicação a Ismael, o executor do programa, o preposto do Cristo.

Aos obreiros de hoje e de amanhã, auguramos sejam dignos da confiança do Alto e saibam conduzir o facho luminoso, zelando para que jamais se extinga a sagrada chama do ideal, ao encontro da paz e da luz.

Valendo-nos de pesquisa de nossos companheiros Zeus Wantuil e José Jorge, alinhamos abaixo, em quadro sinóptico, os nomes dos Presidentes da Federação e dos que se vincularam mais estreitamente à Revista, como seus Diretores, redatores, secretários, administradores e gerentes — os devotados obreiros que por mais de um século vêm emprestando seus esforços e labores, construtivamente, na difusão da Doutrina dos Espíritos, a tempo e a hora.

REFORMADOR

FUNDADOR – AUGUSTO ELIAS DA SILVA

PRESIDENTES DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA:

Ewerton Quadros	1884 a 1888
Dias da Cruz	1890 a 1894
Júlio César Leal	1895 (alguns meses)
Bezerra de Menezes	1889, 1895 a 1900
Leopoldo Cirne	1900 a 1913
Aristides Spínola	1914, 1916 a 1917, 1922 a 1924
Luís Barreto A. Ferreira	1925 a 1926
Paim Pamplona	1927 a 1928
Manuel Quintão	1915, 1918 a 1919, 1929
Guillon Ribeiro	1920 a 1921, 1930 a 1943
A. Wantuil de Freitas	1943 a 1970
Armando de O. Assis	1970 a 1975
Francisco Thiesen	1975 até hoje

DIRETORES (REGISTRADOS NO FRONTISPÍCIO):

Manuel Quintão	1915 a 1916, 1918 a 1920, 1929 a 1930
Aristides Spínola	1916 a 1918, 1922 a 1925
Guillon Ribeiro	1920 a 1922, 1930 a 1943
Luís Barreto A. Ferreira	1925 a 1927
Paim Pamplona	1927 a 1929
A. Wantuil de Freitas	1943 a 1970
Armando de O. Assis	1970 a 1975
Francisco Thiesen	1975 até hoje

DIRETOR-SUBSTITUTO:

Lauro de Oliveira S. Thiago	1980 até 1983
Altivo Ferreira	1983 até hoje

REDATORES-CHEFES E REDATORES-SUBSTITUTOS:

Ewerton Quadros	1884 a 1888
Leopoldo Cirne	1905 a 1913 (Redator – Sec.)
Aristides Spínola	1914 (Redator Chefe)

Miguel Ricardo Galvão	1913 a 1915 (Redator – Sec.)
Guillon Ribeiro	1922 a 1929 (Redator Chefe)
Manuel Quintão	1927 a 1928 (Redator Chefe)
Carlos Imbassahy	1943 (Redator Chefe)
Indalício Mendes	1978 até 1986 (Redator Chefe)

SECRETÁRIOS:

Sylvino Canuto Abreu	1915 a 1916
Amaral Ornelas	1917 a 1923
Fernando Coelho	1920
Carlos Imbassahy	1923 a 1943
Indalício Mendes	1943 a 1975
J. Antero de Carvalho	1975 a 1978
Alberto Romero	1978 até hoje

GERENTES E ADMINISTRADORES:

Augusto Elias da Silva	1883 a 1887
F. A. Xavier Pinheiro	1887 a 1870
Alfredo A. O. Pereira	1891 a 1897
Pedro Richard	1897 a 1902, 1903 a 1912 (ad.) 1916 a 1917 (ger. Interino)
Adauto Neiva	1912 a 1913
Francisco Chaves	1913 a 1914 (ger. Interino)
Jarbas Ramos	1914 a 1915
A. A. Rodrigues Quintans	1915 a 1916
Emílio Wirz	1916
Arthur Rosemburg	1917 a 1918, 1924 a 1927
Antônio Alves da Fonseca	1918 a 1920, 1920 a 1924 (ad.) 1931 a 1932
Américo Lopes Vieira	1927 a 1929
José Vaz de Carvalho	1929 a 1931
João da Costa Viana	1932 a 1936
A. Wantuil de Freitas	1936 a 1943
Henrique Sondermann	1943 a 1948
João d´Oliveira e Silva	1948 (ger. Interino), 1948 a 1951, 1952 a 1957
Paulo de O. Ludka	1951
Carlos Guimarães	1951 a 1952
Ernesto Teixeira Barros	1957 a 1959
José Yolando dos Santos	1959 a 1970
Francisco Thiesen	1970
Getúlio Soares de Araújo	1970 a 1981
Affonso B. G. Soares	1981 a 1982
Tânia de Souza Lopes	1982
Agadyr Teixeira Torres	Desde agosto de 1982

A TRANSIÇÃO DO SÉCULO

Desaparecendo Bezerra de Menezes do cenário visível, em 11 de abril de 1900, após quatro anos e meio de intenso trabalho de pregação e persuasão, de paciência e exemplificação, deixava consolidada a Casa de Ismael, com orientação doutrinária que todas as administrações posteriores seguiriam sem vacilações. Superadas ficaram as divergências internas, o academicismo, para cuidar-se do estudo sério da Doutrina e do Evangelho, com o fortalecimento da solidariedade e da fraternidade.

Encontrara a Instituição, com Bezerra, após anos de lutas, dissensões e dificuldades econômicas, seu roteiro e seu destino.

Findara-se o século, desencarnara o ínclito timoneiro, mas as bases da grande obra ficaram firmemente plantadas.

É certo que um dos objetivos de Bezerra de Menezes — a unificação de todas as entidades espíritas em tomo de uma instituição representativa dos ideais comuns de fraternidade — não pudera concretizar-se.

A união pela harmonia e coesão preconizada por Allan Kardec, em mensagens que se tomaram célebres, através do médium Frederico Júnior, nos anos de 1888 e 1889 no “Grupo Espíritas Fraternidade", encontrou em Bezerra plena aceitação, traduzida em entusiasmo e ação, objetivando pô-la em prática.

Impressas e difundidas no meio espírita as mensagens de Kardec, Bezerra, então exercendo a Presidência (1889), propôs a unificação em torno da Federação, aí fundando, ainda em 1889, o "Centro Espírita do Brasil", com aquele propósito.

Não obteve êxito. Os espíritas não estavam suficientemente preparados. A semente ficara lançada e o apóstolo, da espiritualidade, porfiaria pela idéia até vê-la vitoriosa.

OS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

Os continuadores da obra, mal refeitos da penosa impressão causada pela desencarnação do companheiro e condutor (Bezerra de Menezes), logo compreenderam que não poderiam estacionar, nem recuar. Continuar o programa delineado, com tão bons resultados práticos alcançados, impunha-se logicamente.

O novo Presidente eleito, Leopoldo Cirne, sucessivamente reconduzido até 1914, seguiu o roteiro, reajustando pormenores impostos pelas circunstâncias.

Grandes realizações caracterizam esse período. Inicialmente despojou-se o novo Presidente dos poderes excepcionais conferidos a Bezerra, decorrentes das circunstâncias extremamente difíceis enfrentadas por seu antecessor.

Em 1901 procedeu-se à revisão nos Estatutos, com inovações de alto interesse, destacando-se a reorganização da Assistência aos Necessitados e os dispositivos referentes à filiação das instituições espíritas de todo o Brasil, com vistas à unificação, sob a forma federativa, plenamente aprovada, na prática. Definiu-se, desde então, o significado da unificação, com vistas à união solidária e fraterna, sem prejuízo da autonomia individual, administrativa e patrimonial das entidades adesas.

A organização federativa assim concebida ultrapassava os limites geográficos da então Capital da República para ganhar as vastas linhas do país continental, surgindo de

muitas cidades dos Estados brasileiros os pedidos de adesão das Casas Espíritas à Federação.

A 3 de outubro de 1904 transcorreria o centenário do nascimento do Codificador do Espiritismo. Os espíritas de todo o mundo comemorariam de alguma forma aquela data. "Reformador" lançou, com muita antecedência, a idéia de reunir no Rio de Janeiro os representantes dos Centros e Sociedades Espíritas de todos os Estados, em homenagem ao missionário.

O convite foi bem recebido. A Federação organizou intenso programa de três dias, compreendendo conferências, encontros fraternais, inauguração de cursos, encerrando-se a jornada com sessão solene, na noite de 3 de outubro, no salão da Associação dos Empregados do Comércio, reunindo multidão de cerca de 2.000 pessoas.

Nesse memorável encontro de âmbito nacional, de significativa importância, fïzeram-se representar os espiritistas dos Estados do Amazonas, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, além das Casas Espíritas da Capital Federal.

O ponto mais importante do congraçamento foi, sem dúvida, a apreciação e aprovação das "Bases de Organizarão Espírita", documento que passou a orientar a marcha do movimento espiritista no nosso País.

Preconizaram as "Bases" a criação de uma Instituição na Capital de cada Estado brasileiro, a qual ficaria incumbida de filiar os Centros e Associações estaduais, formando assim, com a FEB, uma rede de entidades fortalecidas na solidariedade e na fraternidade. Instituíram, outros sim, um programa doutrinário básico, semelhante ao da Federação, com fulcro nas obras "O Livro dos Espíritos", e "O Livro dos Médiuns", facultando-se o estudo dos Evangelhos, segundo a tendência de cada entidade, pela obra "O Evangelho segundo o Espiritismo" ou "Os Quatro Evangelhos". Recomendaram ainda a fundação de escolas de médiuns, objetivando o preparo dos médiuns através do estudo doutrinário, a criação de caixas de socorro, semelhantes à Assistência aos Necessitados, serviços de curas espíritas através de receituário homeopático, aulas de instrução elementar e secundária e outras providências.

Pelo simples enunciado do conteúdo desse importante documento percerbe-se sua importância. Naquilo que contém de essencial, ao traçar diretrizes para todo o Movimento Espírita, ele ainda subsiste em nossos dias, de vez que foi incorporado aos Estatutos da Federação Espírita Brasileira e no denominado "Pacto Áureo", item *2º".*

Nos primeiros anos do século, a partir de 1904, começaram os entrechoques resultantes das curas obtidas pelos médiuns receitistas. Tanto o Código Penal da República como o Regulamento sanitário continham dispositivos que foram interpretados, como ainda o são, como impeditivos das curas que não fossem praticadas por diplomados na arte e na ciência de curar.

Em junho de 1904, pela primeira vez era a Federação intimada a comparecer ao Juízo dos Feitos da Saúde Pública para se ver processar, diante de um auto de infração, "por ter aos seus cuidados homeopatia, espiritismo, uma doente" etc.

A esse processo seguiram-se outros, ora contra a Federação, ora contra médiuns. É justo mencionar-se o nome do Dr. Aristides Spínola, então Vice-Presidente da FEB e mais tarde seu Presidente, como o defensor dedicado dos acusados, conseguindo invariavelmente absolvê-los perante os tribunais.

Sempre esteve nas cogitações das Diretorias da Casa a aquisição de sua sede própria. O projeto era continuamente adiado diante de inúmeras dificuldades. Em 1905 surgiu o primeiro impulso concreto para a realização da justa aspiração. Nesse ano foi doado à Federação, por uma dedicada espírita. D, Mary Henrieth Hoffmann, residente na cidade de Laguna, em Santa Catarina, um prédio situado no Rio de Janeiro, na Rua São

José nº; 60. Esse prédio, não servindo para a sede, foi posteriormente vendido e o produto, juntamente com outros recursos provindos de fontes diversas, foi aplicado na aquisição de dois velhos prédios situados na antiga Rua do Sacramento, depois Avenida Passos ns. 28 e 30. Seu custo total, R$. 54:366$000. Estava assim adquirido o terreno, de amplas dimensões, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Faltavam, entretanto, os recursos para a construção do edifício, cujo custo chegaria a Rs. 150:000$000. A obtenção desse numerário, muito elevado para a época, considerando-se que os espíritas, na sua grande maioria, eram pobres, constituiu-se em enorme dificuldade. Somem-se a isso os tropeços encontrados na demolição dos prédios, os problemas surgidos com o prédio vizinho, de nº; 26, ameaçando desabar, e tem-se uma idéia dos enormes entraves superados pelos decididos administradores que tomaram a si a concretização dos planos da edificação.

Desde a data inicial de 14 de julho de 1910, dia do lançamento das fundações, até a inauguração do edifício — 10 de dezembro de 1911 —, duraram as obras 17 meses.

"Reformador" de 25 de dezembro de 1911 descreve a solenidade de inauguração do edifício. Uma multidão de sócios, com suas famílias, os velhos espíritas de antigos embates, beneficiários da Casa, todos, enfim, que se vinculavam à Casa de Ismael, pelo exercício de tarefas, pelo apoio, pelo reconhecimento da inteligência ou do coração, começaram a chegar bem cedo ao novo prédio.

Calcula-se que cerca de um mil pessoas espalhavam-se pelas dependências da Assistência aos Necessitados, localizadas no pavimento térreo e pelos pavimentos superiores, tudo examinando com alegria e entusiasmo.

Prédio da Federação Espírita Brasileira na Av. Passos, 30, sede inaugurada em 1911

Às 14 horas chegava o Presidente Cirne. Declarando solenemente inaugurado o prédio, profere em seguida belo discurso do qual extraímos o pequeno trecho, em palavras textuais:

"O ato que celebramos e o fato a que ele se liga revestem uma singular importância, de molde a exigirem que os apreciemos em seu alcance e significação. Não é que os espíritas devamos ceder ao deslumbramento das suntuosidades e enveredar pelo caminho das grandezas materiais, que em todas as religiões, pelo cortejo de ambições que desencadeiam, coincidiram sempre com o declínio dos princípios espirituais que as sustentavam. Devemos, ao contrário, conservar puros e intangíveis em sua simplicidade os nossos caros ideais, tolerando apenas como inevitáveis, num mundo como este, os complementos materiais do nosso apostolado."

À palavra do Presidente seguiram-se diversos oradores com suas alocuções, poesias e saudações.

Cartões, cartas, telegramas, com as mais efusivas expressões de júbilo e apreço juntaram-se às demonstrações de alegria. A imprensa carioca noticiou o evento, pondo em destaque a ação do Espiritismo. "A Noite", "A Imprensa", "Correio da Manhã", "O Paiz", "Gazeta de Notícias" e "Jornal do Commercio" inseriram crônicas e notas simpáticas à obra da Federação, ao ensejo da inauguração.

Foi, portanto, um acontecimento marcante a inauguração da velha sede da Avenida Passos, 28 e 30, o endereço que se tornou conhecido dos milhares de espíritas do Brasil e do exterior.

CONGRESSOS INTERNACIONAIS

A Federação fez-se representar no Congresso Espiritualista Internacional, realizado em Londres, em junho de 1898, delegando a Léon Denis os poderes para tanto.

Para o Congresso Espírita e Espiritualista Internacional convocado para os dias 16 a 27 de setembro de 1900, em Paris, a Federação lançou convite pelas colunas de "Reformador" às associações espíritas de todo o País que quisessem aderir ao Congresso. Recebidas as adesões, 79 sociedades de diversos Estados, juntamente com a Federação, fizeram-se representar no conclave, ainda por intermédio de Léon Denis, que foi o Presidente do Congresso.

Em vários outros congressos internacionais, como os de 1910 e 1925, inclusive pan-americanos (CEPA), a FEB se fez representar por distintos confrades, com objetivos fraternistas.

A LIVRARIA

Teve origem a Livraria da Federação com uma doação em dinheiro feita por Augusto Elias da Silva, juntamente com vários exemplares das obras de Allan Kardec. Seguiu-se ao impulso inicial do fundador da FEB outra doação feita por João Lourenço de Souza e alguns outros confrades, ficando o 31 de março de 1897 como a data de fundação da Livraria propriamente dita. Entre os primeiros diretores ou gerentes da Livraria citamos os nomes de João Lourenço de Souza, Francisco Tavares, Antônio Lima e Manuel Quintão.

Livraria Espírita — FEB no Rio de Janeiro-RJ

Todavia, o fato mais significativo relacionado com o livro, .ainda no século passado, foi, sem dúvida, a concessão feita à Federação Espírita Brasileira, representada por seu Presidente Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, pela Société de Librairie Spirite, proprietária e responsável em todo o mundo pelas obras do Codificador, representada por seu Administrador e Liquidatário P. G. Leymarie,

"dos direitos exclusivos às traduções portuguesas, tanto no Brasil como em Portugal, das obras seguintes de Allan Kardec, cuja propriedade literária pertence a esta Sociedade de Livraria Espírita, Paris, a saber: 1º. "O Que é o Espiritismo" — 2º. "O Livro dos Espíritos" — 3º. "O Livro dos Médiuns" — 4º. "O Evangelho segundo o Espiritismo" — 5°. "O Céu e o Inferno" – 6º. "A Génese" — 7º. "Obras Póstumas" e tudo o que contêm os 40 volumes, da "Revue Spirite" ".

O documento de cessão dos direitos foi firmado em 15 de novembro de 1897 e tem uma significação excepcional quando conjugado a outros fatos anteriores e posteriores, que

conduzem à convicção de que havia muito se preparava a transposição para o Brasil da "Arvore do Evangelho".

A partir de 1901 a Federação, através de sua Livraria, passou a fazer por conta própria, mediante contratos com editoras, as edições de diversos livros, sistema que perduraria por muitos anos, até que pudesse contar com sua própria editora. As obras de Allan Kardec, em edição especial e popular, foram publicadas em 1904, em comemoração ao seu centenário de nascimento.

Em 1901 eram reeditadas as obras "Depois da Morte" e "O Porquê da Vida", de Léon Denis, e "O Livro dos Espíritos".

Mediante acordo com algumas editoras, foram publicados "Cristianismo e Espiritismo", de Léon Denis; "Marieta: páginas de duas existências", do Visconde de Torres Solanot; "Região em litígio entre este mundo e o outro", de Robert Dale Owen; "No País das Sombras", de E. d'Espérance; "Nos Templos do Himalaia" e "No Santuário", de A. Van der Naillen; e "A Alma é Imortal", de Gabriel Delanne.

ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS

Com o nome de Assistência aos Necessitados (atualmente Departamento de Assistência Social) a Federação criou, a 20 de abril de 1890, um departamento de socorro material e espiritual a quantos lhe batessem às portas. Deveu-se a iniciativa ao Dr. Polydoro Olavo de São Thiago.

Consolidou-a, a partir de 1895, o "médico dos pobres", Bezerra de Menezes, que bem compreendeu sua alta significação no programa evangélico da Casa.

Pedro Richard reorganizou-a em 1902, dedicando-lhe durante muitos anos todo o carinho de sua alma cristã, até que João Paiva Júnior, já integrante da Comissão de Assistência desde 1913, fosse eleito para o cargo de Diretor da Assistência, em 1923, cargo que ocupou durante 26 anos consecutivos num trabalho dedicado de iluminação e consolação.

Sucederam-lhe outros abnegados obreiros, como Ernesto Teixeira Barros, José Borges Ferreira e Olympio Giffoni.

Esse setor assistencial sempre mereceu da Federação a melhor atenção, desde sua criação. Há, na Casa, exemplos de médiuns evangelizados e profundamente dedicados ao atendimento dos sofredores que labutaram no serviço edificante por mais de sessenta anos, como é o caso de Cândido Pereira Lemos, desencarnado, que citamos como símbolo de trabalho perseverante e desinteressado.

O PERÍODO 1914/1930

A Leopoldo Cirne, que permaneceu na Presidência até 1914, sucedeu Aristides Spínola, outro notável Presidente, reconduzido, como seu antecessor, por diversos períodos.

Diligente trabalhador da causa espírita, A. Spínola dedicou-se à Casa por vinte e um anos, sempre respeitado por suas virtudes e desassombradas atitudes. vice-presidente de 1905 a 1913, o que lhe permitiu o conhecimento de todos os assuntos ligados à Casa de Ismael, ascendeu à Presidência em 1914, 1916 e 1917. Novamente Vice-Presidente em 1920 e 1921, voltou à Presidência de 1922 a 1924.

Hábil e probo advogado, foi o defensor natural da Federação e dos médiuns perseguidos pelo exercício da mediunidade, perante os tribunais, como ocorreu com Domingos Filgueiras, em 1905, e Inácio Bittencourt, em 1923.

Manuel Quintão exerceu a Presidência em três períodos: 1915, 1918/19 e 1929. Nesse último estabeleceu contacto com o jovem médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, de quem se fez grande amigo e cuja mediunidade iria se tomar um dos fatos mais importantes no Movimento Espírita, por mais de meio século.

Completaram esse período, na direção da Casa, três outros Presidentes: Guillon Ribeiro, de 1920 a 1921, de quem falaremos mais adiante, Luís Barreto A. Ferreira (1925/1926) e Paim Pamplona (1927/1928).

Antecedendo as páginas proféticas de Humberto de Campos (Espírito) em "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", a respeito da missão do Brasil, hoje conhecidas de todos os espiritistas estudiosos, já em 1920, em mensagem quase esquecida pelas novas gerações, o Espírito de Verdade, pela mediunidade de Albino Teixeira, outro extraordinário médium, em sessão realizada aos 9 de março daquele ano, na sede da Federação, assim se dirigia a todos os obreiros do Bem, trabalhadores da seara do Cristo:

> "Irmanai-vos pelo amor, compreendei que sois filhos de um mesmo Pai; chorai com os vossos semelhantes as suas desventuras; vesti os nus; confortai os aflitos e sereis dignos de seguir-me e sereis, de fato, meus discípulos"
> "Tudo passará, meus filhinhos muito amados; mas as minhas palavras jamais passarão, queira ou não o príncipe que impera no vosso mundo e aí tem, por enquanto, estabelecido o seu reino."
>
> *"A Árvore do Evangelho, plantada há dois mil anos na Palestina, eu a transplantei para o rincão de Santa Cruz,* onde o meu olhar se fixa, nutrindo o meu espírito a esperança de que breve ela florescerá estendendo a sua fronde por toda parte e dando frutos sazonados de amor e perdão." (Grifos nossos.)

Essa belíssima mensagem, da qual destacamos apenas três pequenos trechos, fala da transferência da "Arvore do Evangelho", expressão emblemática, para o Brasil, numa clara alusão à grande responsabilidade decorrente da missão aceita por muitos Espíritos que reencarnam na Terra do Cruzeiro.

Quanto à autenticidade da mensagem e de sua procedência, diversos são os testemunhos a confirmá-las, ressaltando o de Bittencourt Sampaio (Espírito), também presente à sessão, revelando, por outro médium, que o Espírito de Verdade a transmitiu por intermédio do Anjo Ismael.

Superados prementes problemas e dificuldades econômicas, transpostos os anos da hecatombe de 1914/1918, pôde a Federação dedicar-se, sem atropelos, à obra da divulgação, da unificação e da assistência social, preparando o terreno para outra etapa de sua luminosa trajetória, quando se lançaria a novos e importantes empreendimentos.

Foi nesse período que a FEB realizou o Congresso de 1926, no Rio de Janeiro, na Presidência de Luís Barreto A. Ferreira, presentes representantes de vários Estados brasileiros, com proveitosos resultados na busca da unificação.

Data também dessa época o surgimento dos livros mediúnicos de Zilda Gama, ditados pelo Espírito Victor Hugo: "Do Calvário ao Infinito", "Na Sombra e na Luz", "Almas Crucificadas", "Redenção" e "Dor Suprema".

AS DÉCADAS DE 30 A 50

O espaço de tempo ocupado pelos anos de 1930 a 1950 tem especial significação na vida da Instituição. Crescera o Movimento Espírita com a fundação de inúmeros Centros espalhados por todo o território nacional. Alguns jornais e revistas faziam a divulgação, secundando o trabalho nas tribunas das Casas Espíritas. "Reformador" continuava sua faina de grande elo a ligar os espíritas através da palavra escrita.

Era chegado o tempo de ampliar a divulgação da Doutrina pelo livro e pela imprensa. Desde 1891 cogitara-se da idéia de montagem de "uma oficina tipográfica para a impressão de "Reformador" e de obras de propaganda". Passavam-se os anos e a idéia era acalentada, e adiada por falta de recursos.

Guillon Ribeiro, o grande Presidente, eleito novamente em 1930, reviveu o projeto, encontrou opositores, mas transformou-o em realidade. Em 4 de novembro de 1939 estava instalada pequena gráfica no térreo da Avenida Passos, 30, fundos, passando a editar livros e o mensário da Casa.

A obra de Guillon Ribeiro marcou profundamente a vida da Federação. Presidente no ano de 1920 a 1921, seu segundo mandato durou de 1930 a 1943, em sucessivas reeleições. Ocupou praticamente todos os cargos da direção, antes de 1930. Como Diretor de "Reformador", todos os serviços da revista passavam por suas mãos laboriosas. Suas primorosas traduções das obras da Codificação tornaram-se definitivas na FEB, pela segurança e confiança inspiradas, contando-se hoje por milhões de exemplares, em sucessivas reedições. Grande conhecedor da língua francesa, sabendo igualmente o inglês, o italiano e o espanhol, seu trabalho prima pela fidelidade ao pensamento original e pela beleza da forma no vernáculo, o que lhe dá primazia incontestada entre os demais tradutores.

Não se limitou, entretanto, à tradução das obras de Kardec. São trabalhos seus as traduções de "Joana d'Arc, Médium" e "O Além e a Sobrevivência do Ser", de Léon Denís; "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roustaing, na qual empregou cinco anos; "A Crise da Morte", "Xenoglossia", "Psicologia e Espiritismo" e "Animismo ou Espiritismo?", de Ernesto Bozzano; "A Alma é Imortal" e "O Espiritismo perante a Ciência", de Gabriel Delanne; "A Grande Síntese", de Pietro Ubaldi, e outras de autores diversos.

Afora as traduções, escreveu milhares de cartas, correspondendo-se com espiritistas do Brasil e do exterior, inúmeros artigos sobre os mais variados assuntos doutrinários e as obras "Jesus, nem Deus nem Homem", "Espiritismo e Política", "A Mulher", além de conferências, discursos e trabalhos esparsos.

Foi em sua gestão que começaram a ser editados os livros de Francisco Cândido Xavier, o primeiro dos quais, "Parnaso de Além-Túmulo", em 1932, causou verdadeiro impacto nos meios culturais brasileiros. Essa obra poética *sui generis,* que confundiu os céticos e agraciou os adeptos ao Espiritismo, seria apenas o prelúdio de uma torrente imensa vazando da Espiritualidade para os homens, a lhes reafirmar a chegada dos tempos.

O moço humilde de Pedro Leopoldo começava sua missão extraordinária de médium e de homem, que duraria por mais de meio século, até os dias atuais, dentro de uma programação a que aderiu sem tergiversações, contribuindo de forma admirável para a propagação da Doutrina Espírita e do Evangelho, com a maior obra literária mediúnica conhecida no mundo.

Emmanuel, Humberto de Campos, André Luiz e uma plêiade de Espíritos de escol lançaram-se a um trabalho de longo curso junto aos homens, de esclarecimento e de verdadeira fraternidade, através do livro espírita.

Pela mediunidade de Chico Xavier vieram à luz, nessa fase, as obras de Emmanuel "A Caminho da Luz", síntese histórica da Terra; "Emmanuel", ensaio sociológico; os romances históricos "Há dois Mil Anos", "50 Anos Depois" e "Paulo e Estevão"; "O

Consolador"; a série "Caminho, Verdade e Vida", "Pão Nosso", "Vinha de Luz" e "Fonte Viva" (1956), além de diversos outros livros edificantes.

Humberto de Campos, pelo mesmo médium, dita "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", que se tomou verdadeiro programa para os espiritistas brasileiros; "Crônicas de Além-Túmulo", "Boa Nova", "Novas Mensagens", "Reportagens de Além-Túmulo" e diversos outros livros inconfundíveis pela excelência do conteúdo e do estilo do autor espiritual.

Em julho de 1944, quando já publicadas as cinco primeiras obras do Espírito Humberto de Campos, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, a viúva do escritor, D. Catarina Vergolino de Campos, ingressou em juízo com uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Chico Xavier, visando a obter, por sentença, a declaração *de ser, ou não, do Espírito do brilhante escritor,* a obra literária psicografada pelo médium.

Estava evidente o interesse utilitarista da questão proposta, tendo em vista os direitos autorais protegidos pela lei. Mas havia, no fundo, um questionamento do Espiritismo, com os adversários da Doutrina pondo-se em campo para atacá-la.

Ao que sabemos, jamais, em tempo algum, questão semelhante havia sido levada à Justiça. A repercussão da ação foi enorme, despertando a curiosidade dos juristas, dos escritores, da imprensa e do povo. O Espiritismo era discutido, a mediunidade e os médiuns foram focalizados com interesse desusado, tudo contribuindo extraordinariamente para a divulgação da Doutrina, pelo menos sob determinados aspectos.

A Federação apresentou sua defesa juntamente com a do médium, sob o patrocínio do advogado Dr. Miguel Timponi e a decisão final foi justa, equilibrada e rigorosamente dentro da lei, como está relatado no livro "A Psicografia Ante os Tribunais", elaborado pelo patrono da causa e seus colaboradores.

Embora proclamada vitoriosa a posição da FEB e do médium, Humberto de Campos — Espírito —passou a assinar suas produções mediúnicas como Irmão X,

A partir de 1943, com "Nosso Lar", novo autor espiritual se apresenta pelo médium de Pedro Leopoldo, marcando uma nova fase com suas revelações da vida, com seus pormenores das esferas espirituais próximas à Crosta Planetária: André Luiz. A série de seus livros — "Nosso Lar", "Os Mensageiros", "Missionários da Luz", "Obreiros da Vida Eterna", "No Mundo Maior", "Libertação", "Ação e Reação", "Evolução em dois Mundos" e outros — caracteriza-se pela originalidade, despertando enorme interesse no espírito dos estudiosos.

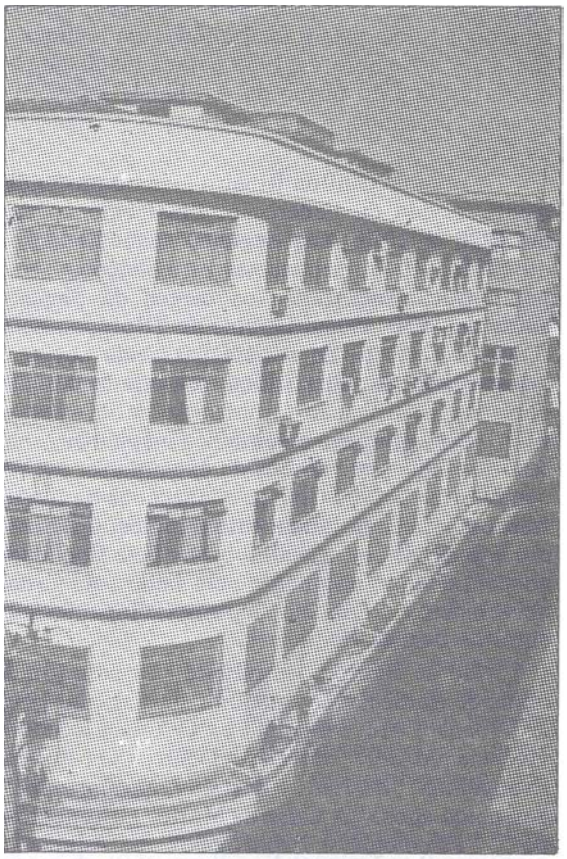
A grande demanda de livros espíritas indicava claramente a expansão do Movimento. A Livraria da Federação, apesar do esforço renovador de Guillon Ribeiro, precisava de novo impulso.

Voltando à Pátria Espiritual em 1943, sucedeu-o na Presidência Antônio Wantuil de Freitas, que já vinha colaborando na administração de Guillon há cerca de 10 anos.

Pelo que ficara acordado inicialmente entre os responsáveis pela direção da Casa, Wantuil de Freitas deveria servir no cargo apenas pelo período de um ano. Entretanto, reconduzido sucessivas vezes, presidiu a Casa de Ismael durante 27 anos, o mais longo período presidencial em toda a vida da Instituição. Deve-se a Wantuil de Freitas, com seu largo tirocínio administrativo e impressionante intuição dos acontecimentos futuros, a sólida estrutura montada na FEB para servir à Doutrina e ao Movimento.

Compreendendo que a Espiritualidade realizava sua parte, fazendo chegar aos homens as lições mais caras e belas através de livros de grande importância para o esclarecimento e a edificação da. Humanidade, lançou-se com denodo à corajosa tarefa de dotar a FEB de uma editora à altura das necessidades.

Ajudado por uns poucos companheiros, conseguiu instalar o Departamento Editorial, em 1948, com a aquisição, em 1946, no bairro de São Cristóvão, de velhas casas que fez demolir para a construção, numa primeira etapa, de amplo edifício. Novas construções inauguradas em 1961 e 1968, na Rua Figueira de Melo e na Rua Souza Valente, complementaram a grande oficina de trabalho agora funcionando com duas entradas: Rua Figueira de Melo, 410 e Rua Souza Valente, 17, constituindo hoje a sede do Departamento Gráfico e de parte do Departamento Editorial. Todo o planejamento e estrutura desses dois Departamentos, com previsão de futura expansão, devem ser creditados ao esforço e à visão do Presidente Wantuil de Freitas, que superou obstáculos sem conta para levar avante sua missão. Incompreendido por muitos, invectivado por outros, o Presidente Wantuil atravessou uma época difícil, de combates com forças poderosas contrárias ao Espiritismo, além de dissensões, polêmica e ataques, no próprio seio do Movimento Espírita. Por mais de um quarto de século esteve na estacada esse servidor humilde e enérgico, generoso e combativo, trabalhador e esclarecido.



Departamento Editorial da FEB
(vista parcial do edifício)

O PACTO ÁUREO - surge o atual Conselho Federativo Nacional

A 5 de outubro de 1949 concretizava-se formalmente a unificação da família espirita brasileira, velho sonho acalentado por sessenta anos, desde os esforços inicias de Bezerra de Menezes.

Precedera à Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro um Congresso Espírita Pan-Americano, que atraíra à antiga Capital da República muitos espíritas dirigentes de instituições estaduais. A idéia de aproveitarem a ocasião para se dirigirem à Federação Espírita Brasileira nasceu simultânea e espontaneamente em diversas mentes, buscando-se uma fórmula de entendimento entre todos os espiritistas, que exprimisse as aspirações de fraternidade, preconizada nos ensinos evangélicos, e de organização livre e responsável das instituições espíritas, isenta de imposições e personalismos.

Após entendimentos preliminares, foi marcado um encontro na sede da Federação, com sua Diretoria, ao qual compareceram os representantes das Federações e demais instituições estaduais. O encontro ficou conhecido como Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, tendo sido lavrada a célebre Ata com os pontos essenciais sobre os quais se assentava o acordo da Unificação.

Informou-nos um dos participantes do memorável acontecimento, signatário da Ata, que os representantes das entidades estaduais, expondo os motivos e as esperanças de todos, elaboraram um esboço que continha determinados princípios e fórmulas para a Unificação, quando foram surpreendidos pelo Presidente Antônio Wantuil de Freitas com um projeto de resolução por ele escrito um dia antes, no qual estavam atendidas todas as proposições dos representantes, acrescendo-se ainda outras não reivindicadas. Essa

circunstância proporcionou grande alegria a todos, facilitando os entendimentos e a concórdia, com a aprovação do projeto do Presidente Wantuil. O fato ocorrido demonstra que os espíritas, na sua grande maioria, já estavam preparados para o grande evento e que a Espiritualidade Superior, encontrando nos homens a sinceridade de propósito e a boa vontade de sufocar vaidades e personalismos, influía poderosamente para o triunfo do "amai-vos uns aos outros" entre os seguidores da Doutrina do Consolador, cultivada no País do Evangelho.

Os termos em que está vazada a Ata da Conferência são sintéticos e muito conhecidos dos espíritas. Impossível será, entretanto, descrever a emoção e a alegria vividas pelos presentes ao ensejo da feliz conclusão do acordo, alegria que encontrou ressonância nos corações dos espíritas sinceros, ao se espalhar a notícia do acontecimento por todo o Brasil.

Dentre as disposições contidas na Ata de 5 de outubro de 1949, pouco depois denominada "Pacto Áureo", em feliz expressão de Lins de Vasconcelos, um de seus signatários, estava a da criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em novas bases, incumbido de executar, desenvolver e ampliar os planos da Organização Federativa em que se assentava a estrutura organizacional do Espiritismo no Brasil.

Instalado e regulamentado logo no início do ano seguinte, o Conselho vem funcionando ininterruptamente desde então, prestando inestimável serviço à causa espírita, dirimindo dúvidas, fortalecendo os laços fraternos, orientando o Movimento, recomendando normas e diretrizes, aproximando instituições e contornando as incompreensões e imperfeições inevitáveis no mundo imperfeito em que vivemos.

É o "Pacto Áureo" a expressão mais lúcida de entendimento e concórdia entre cultores da Doutrina dos Espíritos, que podem divergir em pequenos e secundários pontos doutrinários, mas que não têm razão para fazer da divergência pomo de discórdia, de intransigência, intolerância e incompreensão.

Dentro da tríplice abrangência da Doutrina, vastíssima em seu contexto, no qual se inscrevem os postulados da contínua evolução e da liberdade individual, precisamos todos entender que os espíritas não se poderiam grupar numa massa uniforme de adeptos, na qual não houvesse a menor discrepância. A Doutrina é, sim, um só corpo, mas o estágio evolutivo de cada adepto determina-lhe a forma de compreensão dos princípios doutrinários básicos, de conformidade com o maior ou menor cabedal de conhecimentos, a bagagem carregada do pretérito e a tendência de cada um.

Esse pensamento, fundamentado na índole e no gênio universalista do Espiritismo, ao lado dos sentimentos cristãos da tolerância e da fraternidade, que não podemos esquecer jamais, induz-nos a rejeitar a posição radical dos que procuram rotular os espíritas, com essa ou aquela tendência, de kardecistas e roustenistas, místicos e científicos, desde que todos, sendo espíritas, aceitam as bases da Doutrina e sua vinculação estreita com o Evangelho de Jesus.

Dentro dessa constante, será perfeitamente possível ao espírita assimilar a Doutrina, de acordo com seu estágio evolutivo, e praticá-la na medida de suas forças e tendências, esforçando-se continuamente por aperfeiçoar-se, rejeitando a intransigência e a intolerância, formas de coação espiritual incompatível com a fraternidade entre irmãos muito próximos.

O "Pacto Áureo" veio compatibilizar a vivência da Doutrina dentro do princípio da liberdade, sem exclusão do amor fraterno, tornando viável o que parecia inconciliável.

Após sua vigência, todo o Movimento Espírita brasileiro conheceu nova fase de crescimento, de cooperação, de expansão.

A EXPANSÃO DO ESPIRITISMO

É notório o progresso do Espiritismo no Brasil, a ponto de preocupar certos dirigentes religiosos que não o vêem com bons olhos.

A realidade é que sua marcha sem ser espetacular, é segura e firme. A Doutrina responde às aspirações do homem sofredor e ignorante de seu destino, acenando-lhe com a consolação, o esclarecimento e a libertação da ignorância milenar.

A obra quase silenciosa da Federação, conduzindo o Movimento Espírita para seu verdadeiro destino, insere-se nos três aspectos que mais sensibilizam o homem desperto, ávido de consolo para seus sofrimentos, de esclarecimentos para suas dúvidas e de libertação de suas amarras espirituais.

A médiuns notáveis do passado, como Frederico Pereira da Silva Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Albino Teixeira, Antônio Gonçalves da Silva Batuíra, Eurípides Barsanulfo, Ana Prado, Inácio Bittencourt, Zilda Gama, João Celani e muitos outros, sucederam, na atualidade, dedicados medianeiros entre os dois planos, tais como Yvonne A. Pereira, Divaldo Pereira Franco, Waldo Vieira, José Pedro de Freitas (Arigó), Olympio Giffoni, Maria Cecília Paiva, Júlio César Grandi Ribeiro, Luís Antônio Gasparetto, Antônio Sales, para só citar os mais conhecidos, os quais, ao lado de Francisco Cândido Xavier, vão espalhando por todos os recantos do País, com repercussão no exterior, os livros, a palavra, as curas, a arte, a consolação, numa evidenciação clara de que esta Pátria está na trilha de sua missão espiritual, por desígnios do Alto, competindo especialmente aos espiritistas a concretização dos ideais espírita-cristãos.

Por seu turno, as Casas Espíritas e seus obreiros, aos milhares, empenham-se decididamente em melhorar-se, no auxílio indiscriminado aos companheiros de jornada. É o trabalho renovador e abençoado, por toda parte, que a todos cumpre preservar, no seu idealismo, e aperfeiçoar sempre.

À verdadeira avalancha de livros editados pela Federação somam-se as sucessivas reedições das obras básicas da Codificação e dos clássicos, imprescindíveis ao perfeito conhecimento da Doutrina, além de uma importante literatura mediúnica recebida continuamente.

Tudo isso constitui o riquíssimo acervo literário da Federação, base fundamental da divulgação da Doutrina.

Grande número de autores encarnados vem sustentando a penetração do Espiritismo nas massas, contribuindo de forma meritória para o esclarecimento e na alimentação das almas ávidas de novos conhecimentos.

Para não tornar demasiado fatigante a enumeração das obras, limitar-nos-emos a citar os autores nacionais que, desde o século passado, enfileiraram-se na edificante tarefa da divulgação, em colaboração com a FEB. Ei-los: Antônio Luís Sayão, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Antônio Lima, Leopoldo Cirne, Guillon Ribeiro, Manuel Quintão, Antônio Wantuil de Freitas (Minimus), Ismael Gomes Braga, Pedro de Camargo (Vinícius), Almerindo Martins de Castro, Nogueira de Faria, Aurélio A. Valente, Carlos Imbassahy, Zêus Wantuil, Francisco Thiesen, Miguel Timponi, Martins Peralva, Francisco Valdomiro Lorenz, Angel Aguarod, Duílio Lena Bérni, Hermínio Correia de Miranda, Luciano dos Anjos, Sylvio Brito Soares, Jayme Cervino, Roque Jacintho, Rodolfo Caligaris, Newton Boechat, Hemani T. Sant'Anna, Lauro S. Thiago, Gilberto Campista Guarino, Suely Caldas Schubert, Clóvis Ramos, Richard Simonetti. A lista não está completa, de vez que não se refere aos que aguardam lançamentos e aos que não estão sendo reeditados, por motivos e circunstâncias diversos.

Complementando a função de "Reformador", a Federação passou a editar, a partir de 18 de abril de 1950, "Brasil-Espírita", especificamente destinado a mocidade espírita, órgão que atravessaria as décadas de 50 e 60, deixando de circular em 1972.

A Casa de Ismael, após a pacificação da família espírita, com o "Pacto Áureo", melhor compreendida na sua diretriz de servir à comunidade espiritista servindo ao Cristo, prosseguiu em sua marcha afanosa, já então empenhada no propósito de reunir todas as entidades estaduais nos laços federativos. Para isso, as Federações não representadas na Grande Conferência do Rio de Janeiro foram convidadas a aderir ao pactuado, incumbindo-se valorosos obreiros de visitar todo o Nordeste e o Norte do País, em belo trabalho de esclarecimento e de concórdia, que ficou conhecido como "Caravana da Fraternidade", de que foram participantes Lins de Vasconcelos, Luiz Burgos Filho, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spínelli, Ary Casadio e Leopoldo Machado. Multiplicaram-se as adesões, aglutinaram-se Instituições congêneres de um mesmo Estado, criaram-se outras e a Unificação ganhou largas proporções.

É verdade que ainda não se conseguiu tudo o que foi idealizado, mas não perece a esperança de que afinal prevaleça o bom senso e a boa-vontade entre irmãos do mesmo ideal.

Entrementes, expandiu-se a obra do livro espírita. O acervo literário do Espiritismo conta, só na FEB, com mais de trezentos e sessenta títulos de valor inestimável, proporcionando ao Movimento Espírita brasileiro uma posição de destaque, pela possibilidade que oferece aos adeptos de aprofundar seus conhecimentos doutrinários em qualquer direção, com toda a segurança.

Wantuil de Freitas, na Presidência, atravessou quase três décadas, até agosto de 1970, quando, alquebrado pela doença e pela idade, resolveu afastar-se, sendo substituído por Armando de Oliveira Assis, que vinha ocupando a Vice-Presidência há vários anos. De 1948 a 1968, Wantuil ampliou a "Cidade do Livro" (o prédio onde está instalada a Gráfica e todos os serviços referentes ao livro), aumentando consideravelmente a área utilizada nos trabalhos de produção e de armazenamento. Digno de nota, ainda, em sua administração, foi o recebimento, em doação, feita pelo Governo da Nova Capital no Planalto Central, de uma ótima área de 22.000 metros quadrados, na qual iniciou a construção da futura sede em Brasília. Em 1970 era inaugurado o primeiro edifício destinado ao Cenáculo.

Fachada lateral do Cenáculo — Brasília-DF

A administração de Armando de Oliveira Assis durou cinco anos, encerrando-se em agosto de 1975. Caracterizou-se por dois fatos de grande relevo, ao lado do desenvolvimento regular do programa da Casa: a renovação do parque gráfico, iniciada em 1971, para dotá-lo de moderno sistema *offset* de impressão, o que possibilitou o atendimento da crescente demanda do livro espírita; e a instituição dos Conselhos Zonais,

desdobramentos do Conselho Federativo Nacional, com base em divisão geográfica do País, em quatro zonas, com a finalidade de promover o estudo de problemas ligados ao Movimento Espírita. Ambas as iniciativas resultaram em completo êxito, de um lado pela produção do livro em larga escala e de outro pela aproximação e fraternização dos responsáveis pela condução do Movimento Espírita em todo o território nacional, facilitando o estudo e a solução das questões emergentes.

Não deve ser esquecido, outrossim, o esforço empregado pelo presidente Assis e pelo então 3º,-Secretário Lauro de Oliveira São Thiago na reorganização da Biblioteca da FEB, existente desde os primeiros anos da Instituição. Em 1973 passou ela por profunda reforma, com a modernização de suas instalações e de seu sistema catalográfico e fichário, tornando possível a guarda, a conservação e a consulta imediata ao riquíssimo acervo de mais de 20.000 volumes, com muitas obras raras e coleções completas de periódicos do País e do exterior.

Em agosto de 1975 iniciou-se a Presidência de Francisco Thiesen, que já fazia parte da Diretoria anterior, como Tesoureiro, desde 1970. A renovação do parque gráfico continuou recebendo seu decidido apoio, desdobrando-se um programa do livro febiano, com duração de doze anos, iniciado em 1971.

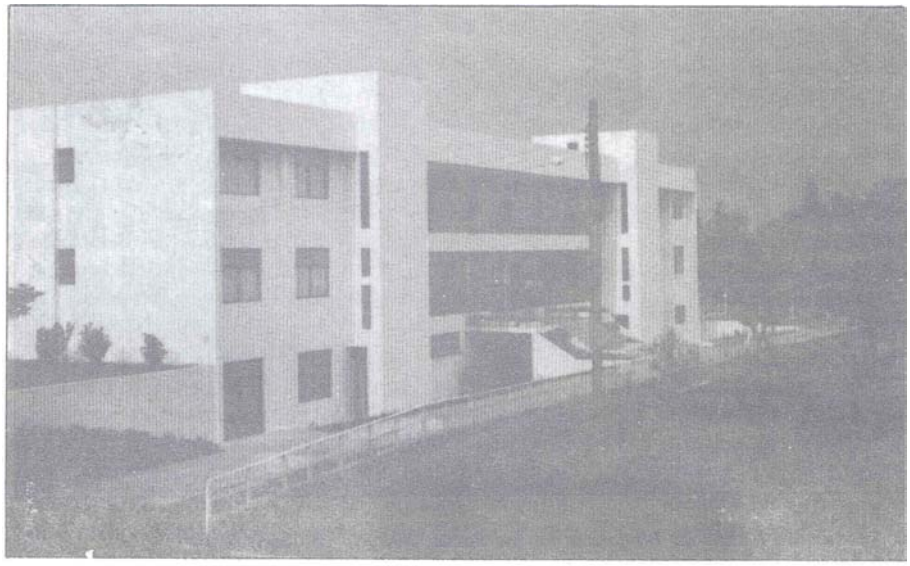
Como diretor de "Reformador" imprimiu à revista nova visualização gráfica, sem deixar de atender à tradição de veículo do pensamento da Casa de Ismael, enfatizando em suas páginas o Espiritismo Cristão, o Evangelho, o Esperanto, sem esquecer os aspectos científico e filosófico.

Tomada parcial do salão de leitura da Biblioteca da Av. Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ

As desfavoráveis condições de saúde do Presidente não o impediram de dinamizar as diversas atividades administrativas, com vistas não somente ao atendimento das necessidades presentes do Movimento, mas também à expansão e fortalecimento do Espiritismo no futuro próximo. O atual Presidente tem sido, assim, o elemento propulsor e catalisador, responsável maior e continuador de diversas obras que dignificam o Movimento Espírita nacional.

Por serem de nossos dias, são do conhecimento geral os fatos e realizações da Casa, que passamos a enumerar, sem maiores comentários, *as* vezes que os confrades de todo o Brasil têm-nos acompanhado pela leitura da revista febiana, enquanto outros são partícipes do trabalho baseado na cooperação, no espírito de equipe e no interesse comum.

São realizações recentes, ou atuais, no plano material, o planejamento e a construção do conjunto de edificações da Federação em Brasília, compreendendo, além do prédio do "Cenáculo", inaugurado em 1970: a) o edifício denominado "Colméia", de três pavimentos, onde funcionam diversos setores administrativos. Nele estão situadas as instalações reversíveis de alojamentos, refeitório e cozinha, utilizados nos encontros periódicos do Movimento Espírita, salas de aulas de evangelização, de elaboração de material didático, de atividades mediúnicas, de impressão de apostilas, expedição, depósito de livros etc. e serviços auxiliares; b) o edifício denominado "Unificação", também de três pavimentos, de bela concepção arquitetônica, onde estão localizados amplo auditório polivalente, podendo ser utilizado para conferências, estudos conjuntos, teatro, sala de música etc., o salão de reuniões do Conselho Federativo Nacional e a Seção de Obras Raras da Biblioteca, recém-organizada, além de várias salas destinadas a diversos setores administrativos da Casa; c) novo e amplo edifício, em construção, à frente de todo o conjunto, com cerca de 5.300 metros quadrados de área, destinado a abrigar atividades da Casa, no futuro.



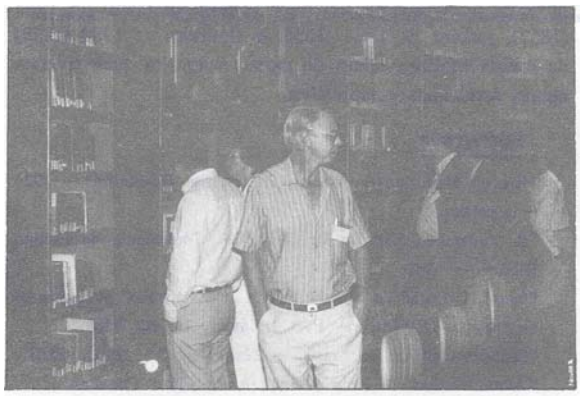
O conjunto arquitetônico da Federação, em Brasília, sede da Instituição, que ainda não se acha concluído, abriga atualmente: o Cenáculo, destinado às reuniões públicas; O Conselho Federativo Nacional e a Coordenadoria das Comissões Regionais, adiante referidas; O Gabinete da Presidência; parte da Redação do órgão "Reformador"; o Departamento de Infância e Juventude, com seus diversos setores de planejamento, de redação e de confecção de material didático, além dos campos experimentais; depósitos de livros e de apostilas; Livraria; parte do Departamento de Assistência Social; zeladoria.

A sede seccional no Rio de Janeiro compreende todos os setores e Departamento que não puderam ainda ser transferidos, por diferentes razões, da antiga Capital da República para a nova Capital.

Na antiga sede da Avenida Passos nº. 30 continuam sendo realizadas as reuniões públicas e privativas, funcionando ali, também, a maior parte do Departamento de Assistência Social, o Campo Experimental do DIJ, a Biblioteca, uma Secretaria para atendimento do público em geral, e uma Livraria de livros espíritas.

No bairro de São Cristóvão, na Rua Souza Valente nº 17, em edifício próprio, de cinco pavimentos, funcionam parte do Departamento Editorial, o Departamento Gráfico, com toda a maquinaria e os depósitos de livros e de matéria-prima. Também se localizam no mesmo prédio a Tesouraria, a Gerência do "Reformador", o escritório central, o Serviço de Pessoal e o Computador.

A partir de 1976 a Federação lançou a Campanha Nacional de Evangelização da Criança e do Jovem, posteriormente transformada em Campanha Permanente, com grande repercussão em todo o Movimento Espírita brasileiro e reflexos em diversos países da América e da Europa. Essas Campanhas tiveram o dom de conscientizar os espíritas para a importância da evangelização das novas gerações, de tal sorte que marcaram uma nova etapa na marcha do Espiritismo no mundo. No conjunto de ações e esforços ao longo de muitos anos para a implantação, em caráter permanente, da evangelização das crianças e dos jovens, cumpre sejam destacados dois nomes que ficarão como símbolos da dedicação, pertinácia e competência na condução daquelas campanhas. Referimo-nos a Maria Cecília Paiva e Cecília Rocha, a primeira a iniciadora e a segunda a continuadora e firme condutora de uma obra espírita notável por sua expressão e conseqüências evidentes. A essas trabalhadoras coube, dentre outras, a tarefa de organização de equipes especializadas em um trabalho ingente, em todo o território brasileiro.


Biblioteca de obras raras

A década de 1980 veria surgir outra iniciativa de excepcional importância da Federação: o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

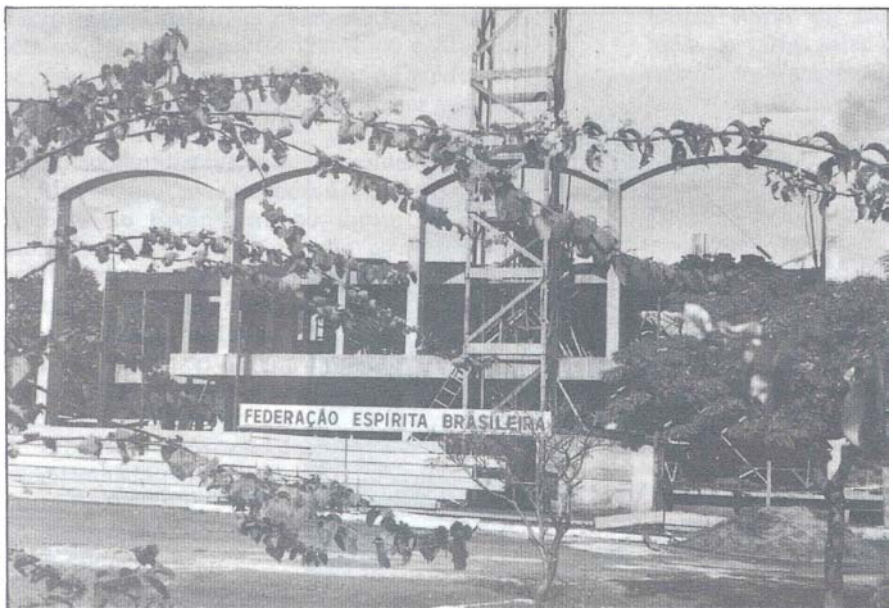
Criteriosamente planejado, o Estudo Sistematizado precisou preparar elementos humanos e farto material organizado especialmente para um novo método de estudo ordenado e inteligente do Espiritismo. Esse método teve o mérito de despertar o interesse não só dos iniciantes no estudo da Doutrina, mas também o daqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos doutrinários.

O êxito do novo cometimento não se fez esperar. As Federações estaduais e grande número de Casas Espíritas engajaram-se na campanha do estudo metodizado e os resultados têm sido os mais auspiciosos e, sem dúvida, vão se projetar no futuro.

A FEB tem procurado aproximar-se de entidades espíritas nacionais e estrangeiras, comparecendo a diversos Congressos, sem comprometimento de suas diretrizes e de seu programa.

A resolução de seu Conselho Federativo Nacional possibilitando a integração em seu seio de entidades de âmbito nacional não federativas deu ensejo a que se filiassem, ao Movimento Espírita organizado, a Cruzada dos Militares Espíritas, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil e a Associação Brasileira dos Jornalistas e Escritores Espíritas.

Com o propósito de dinamizar as atividades espíritas nas diferentes regiões deste País continental, o Conselho Federativo Nacional, em novembro de 1985, resolveu transformar os antigos Conselhos Zonais, criados em 1971, antes os referidos, em Comissões Regionais, seguindo composição semelhante à dos antigos Conselhos.



Dentro de uma estrutura simples e desburocratizada, todas as Federações que compõem o CFN se reúnem periodicamente, em grupos regionais, sob a coordenação de um representante da FEB, para tratar de assuntos de interesse comum de seus integrantes. As realizações das Comissões são posteriormente relatadas ao Conselho Federativo Nacional, em sessões plenária.

Múltiplas realizações, que seria fastidioso enumerar, elevam o conceito da FEB, dentro e fora do País.

A Casa de Ismael nunca perde de vista sua posição de servidora do Cristo e do Consolador, cultivando o ideal espírita pelo trabalho, pelo serviço desinteressado, pelo esclarecimento, pela fraternidade.

A visão da trajetória da Federação Espírita Brasileira esboçada neste pequeno registro não tem a pretensão de traçar-lhe a história completa, que é complexa e grandiosa, mesmo abstraindo-se de suas matrizes espirituais, nem sempre ao nosso alcance, para só nos fixarmos nos fatos ocorridos no plano das formas.

Nosso objetivo, ao homenagear singelamente esta Instituição venerável — "sempre segura do seu labor junto das almas e dos corações, cultivando os mais belos frutos de espiritualidade na seara de Jesus, consciente de sua responsabilidade e da sua elevada missão" — que em 2 de janeiro de 1984 completou um século de lutas no serviço do Bem, foi tão-somente o de relembrar fatos conhecidos de muitos mas não de todos

Os espíritas, sem esquecer que seria difícil, para nós, a narrativa completa da história da Casa de Ismael, quase toda ela registrada no seu órgão de divulgação, nos cento e cinco anos de sua existência.

Ao lado da visão pessoal dos fatos focalizados, outros prefeririam enfocá-los sob diferentes ângulos, como *é* natural.

Em mais de um século de Espiritismo no Brasil, com incertezas e dificuldades de toda ordem, pensamos que todos concordam que nenhuma instituição representaria melhor do que a Federação Espírita Brasileira a tenacidade, à vontade de acertar, a disposição para enfrentar os mais variados obstáculos, a prudência, a serenidade, a fidelidade ao Evangelho e a defesa dos ideais espíritas. Por isso mesmo é que Vontade Superior localizou nela "a sede diretora, no plano tangível, dos trabalhos da obra de Ismael no Brasil".

NOTA — Este escorço histórico está quase totalmente calcado nos trabalhos "O Centenário do Reformador" e "O Centenário da Federação Espírita Brasileira", publicados nos números de dezembro de 1982 (1845), dezembro de 1983 (1857), janeiro de 1984 (1S58) e fevereiro de 1984 (1859) da revista febiana, ambos do mesmo autor, os quais tiveram alguns acréscimos e supressões.